

A representação ficcional do tempo na narrativa de José Saramago

The fictional representation of time in the narrative of José Saramago

Elizabete Arcalá SIBIN*

UNIOESTE

Resumo: A proposta desse artigo é discutir a representação ficcional das experiências temporais em *Memorial do convento* (1982) e *As intermitências da morte* (2005), de José Saramago, buscando compreender como é tratado o tempo nos dois romances do autor. Para atingir tal objetivo realizou-se uma pesquisa bibliográfica, por meio da qual as obras supracitadas foram analisadas comparativamente, tendo como base teórica Ricoeur (1994 e 1997), Agostinho (1984) e Elias (1998), dentre outros. Em suma, é possível afirmar que nos dois romances há um trabalho de construção temporal que remete à coexistência dos três tempos: passado, presente e futuro.

Palavras-chave: Experiências temporais. Rememoração. Tempo suspenso.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the fictional representation of temporal experiences in *Memorial of the convent* (1982) and *The flashes of death* (2005), by José Saramago, trying to understand how it is treated in time the two novels by the author. To achieve this goal we carried out a bibliographical research, through which the above works were analyzed comparatively, the theoretical ground Ricoeur (1994 and 1997), Santo Agostinho (1984) and Elias (1998), among others. In short, it can say that in the two novels there is a temporal construction work which refers to the coexistence of the three times: past, present and future.

Keywords: Temporal experiences. Remembrance. Suspended time.

Introdução

Inúmeros pensadores desde a Antiguidade Clássica, como Parmênides, Zenon de Eleia, Platão e Aristóteles, preocupavam-se com a questão do tempo e acreditavam num tempo cíclico por meio do qual tudo, no universo, retorna e se repete. Os filósofos estoicos e os romanos também se debruçaram sobre a questão. Na verdade, todas as ações humanas são regidas pelo tempo, mas como explicar algo tão abstrato? Como afirma Norbert Elias:

Durante muito tempo, foi um enigma para o homem ver que os acontecimentos concretos dentro de uma sequência, e, por conseguinte, as unidades

* Docente do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e Doutoranda no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, na área de concentração em Linguagem e Sociedade. bete.arcala@gmail.com

de tempo de caráter sequencial, qualificáveis de presentes – as horas, os meses ou anos de uma dada era –, modificavam-se constantemente, havendo assim um deslocamento contínuo das fronteiras entre o passado, o presente e o futuro. O aparente paradoxo ligado a essas três dimensões do tempo vivido foi percebido desde a Antiguidade. (ELIAS, 1998, p. 63).

No século IV, Santo Agostinho também se dedica a estudar o tempo e deixa claro que este é um assunto de difícil explicação.

Sem dúvida, nós o compreendemos quando dele falamos, e compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. Por conseguinte, o que é o tempo? Se ninguém me pergunta eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei. (AGOSTINHO, 1984, p. 317).

Assim como os filósofos da antiguidade e Santo Agostinho, muitos estudiosos da modernidade também tentaram desvendar a experiência temporal. Paul Ricoeur, por exemplo, em sua obra *Tempo e narrativa* (tomo I, II e III), busca compreender a temporalidade a partir de sua representação no discurso narrativo.

Portanto, o tempo é indispensável para a construção da narrativa, pois aquilo que se narra corresponde à representação ficcional das experiências temporais. Na vida em sociedade, há a necessidade de orientar-se, por isso o tempo é visto como um elemento que regulamenta a existência. Por este motivo, os homens organizam suas atividades a partir de calendários e relógios, mas segundo Norbert Elias:

Que os relógios sejam instrumentos construídos e utilizados pelos homens em função das exigências de sua vida comunitária, é fácil de entender. Mas, que o tempo tenha igualmente um caráter instrumental é algo que não se entende com facilidade. Será que seu curso não se desenrola de maneira inexorável, sem levar em conta as intenções humanas? (ELIAS, 1998, p. 09).

Pode-se dizer que a representação da vivência temporal não pode ser destituída da narrativa, pois uma das formas de construir a verossimilhança da narrativa é a representação ficcional da experiência temporal. Para Paul Ricoeur:

Existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: que o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. (RICOEUR, 1994, p. 85).

Visto que todas as ações narradas num romance encontram-se inseridas num fluxo temporal, a proposta deste artigo é discutir o tempo, partindo do

pressuposto de que José Saramago escreve *Memorial do convento* (1982) e *As intermitências da morte* (2005), tendo como base a visão que possui a respeito do tempo presente, o que lhe dá o distanciamento necessário para compreender a contemporaneidade e, também, o passado histórico. Analisar-se-á, também, o tempo enquanto noção de duração dos acontecimentos, mostrando que, nos dois romances, a ideia de presente, passado e futuro como tempos dissociados, é desconstruída a partir da inter-relação entre o tempo cronológico e o psicológico.

***Memorial do convento*: rememoração e crítica ao passado**

A temática recorrente de Saramago, ao escrever seus romances, é a defesa da necessidade da consciência cultural do povo português, o que, segundo o autor, só pode ser conquistado com conhecimento histórico. Daí o fato de seus romances mesclarem ficção e história, como se pode notar em *Memorial do convento*. No referido romance, o autor, por meio da romântica história de Baltasar e Blimunda, da história do frei Bartolomeu de Gusmão e da família real portuguesa, se atém também à realidade histórica de Lisboa na primeira metade do século XVIII. Por isso, através de personagens ficcionais e históricas, ocorre o relato sobre o marco que foi a construção do Convento de Mafra, por promessa de D. João V, que desejava um herdeiro para o trono de Portugal e, simultaneamente, uma abordagem satírica do pensamento que dominava a sociedade portuguesa naquele período.

Portanto, em *Memorial do convento*, ao reconstruir ficcionalmente o que ocorria na sociedade portuguesa no século XVIII, época em que o convento de Mafra foi construído, o escritor estabelece, via linguagem, um elo entre o presente e o passado. Para Paul Ricoeur (1994), isso é possível porque na narrativa se dá a coexistência dos tempos, ou seja, passado e futuro só existem quando estão sendo vivenciados e a narrativa é o espaço dessa vivência.

Vejo nas intrigas que inventamos o meio privilegiado pelo qual reconfiguramos nossa experiência temporal confusa, informe e no limite, muda: “Que é pois o tempo?” – pergunta Agostinho. “Se ninguém me pergunta, sei, se alguém pergunta e quero explicar, não sei mais.” É na capacidade da ficção de refigurar essa experiência temporal, presa às aporias da especulação filosófica, que reside a função referencial da intriga. (RICOEUR, 1994, p. 12).

Paul Ricoeur retoma a questão da coexistência do presente, passado e futuro a partir da discussão de Santo Agostinho, que escreveu o livro *Confissões* entre 397 e 398 D.C., no qual discute, entre outros assuntos, a dificuldade de compreender o tempo visto que o autor o identifica com a própria mente, que se estende para o passado ou para o futuro, e questiona a existência dos três tempos.

Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem e que não é exato falar de três tempos – passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. (AGOSTINHO, 1984, p. 323).

Para Santo Agostinho (1984), o tempo é sempre móvel, por isso sua duração é composta de inúmeros movimentos passageiros. Desse modo, presente, passado e futuro parecem fundir-se num único tempo: o presente.

Compreenderá então que a duração do tempo só será longa porque composta de muitos movimentos passageiros que não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Verá então que o passado é compelido pelo futuro, que o futuro nasce do passado, que passado e futuro têm suas origens e existências naquele que é sempre presente. (AGOSTINHO, 1984, p. 315).

No romance *Memorial do convento*, o narrador recorre ao passado, mais precisamente ao período que compreende os anos de 1711 a 1739, para ambientar suas personagens. Estas datas podem ser comprovadas pelos eventos históricos relatados no romance, os quais referendam a marcação do tempo cronológico.

Nas primeiras páginas do romance, o leitor depara-se com uma menção aos membros da família real portuguesa: D. João V, que governou Portugal de 1707 a 1750, e sua esposa, D. Maria Ana Josefa, que viera da Áustria em 1708 para casar-se com o rei.

D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje ainda não emprenhou. Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio, que a rainha, provavelmente, tem a madre seca, insinuação muito resguardada de orelhas e bocas deladoras e que só entre íntimos se confia. Que caiba a culpa ao rei, nem pensar, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, das mulheres sim, por isso são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino bastardos da real semente e ainda agora a procissão vai na praça. (SARAMAGO, 2011, p.11).

Segundo Joaquim Veríssimo Serrão (1980), além de D. Maria Bárbara Xavier Leonor Teresa Antónia Josefa, nascida em 1711, D. João V teve mais cinco filhos com D. Maria Ana Josefa, e fora do casamento teve D. Rita, D. António, D. Gaspar e D. José. Nota-se a ironia do narrador em relação aos filhos bastardos do rei, pelo uso da expressão “e ainda agora a procissão vai na praça”. A ironia, neste caso, serve para chamar a atenção para a situação relatada, pois estes são os filhos tidos oficialmente como bastardos, mas poderia haver outros.

Além de colocar o rei e a rainha de Portugal como personagens, há também o relato de acontecimentos históricos representados ficcionalmente, no romance, como a Batalha de Jerez de los Caballeros, que aconteceu em função da Guerra de Sucessão pelo trono espanhol.

Este que por desafrontada aparência, sacudir da espada e desparelhadas vestes, ainda que descalço, parece soldado, é Baltasar Mateus, o Sete-Sóis. Foi mandado embora do exército por já não ter serventia nele, depois de lhe cortarem a mão esquerda pelo nó do pulso, estraçalhada por uma bala em frente de Jerez de los Caballeros, na grande entrada de onze mil homens que fizemos em Outubro do ano passado e que se terminou com perda de duzentos nossos e debandada dos vivos, acossados pelos cavalos que os espanhóis fizeram sair de Badajoz. (SARAMAGO, 2011, p. 34).

A descrição do retorno de Baltasar desta batalha garante a verossimilhança da obra e da personagem e revela o tempo passado, uma vez que esse episódio comum à história de Portugal e Espanha aconteceu no decorrer dos anos de 1702 a 1712.

Há ainda o evento da construção do Convento de Mafra, cuja pedra fundamental foi abençoada em 1717, dando início à construção, que foi concluída em 1730. O convento foi construído a pedido de D. João V, que prometera fazê-lo caso a rainha engravidasse.

Então D. João, o quinto do seu nome, assim assegurado sobre o mérito do empenho, levantou a voz para que claramente o ouvisse quem estava e o soubessem amanhã cidade e reino, Prometo, pela minha palavra real, que farei construir um convento de franciscanos na vila de Mafra se a rainha me der um filho no prazo de um ano a contar deste dia em que estamos. (SARAMAGO, 2011, p. 14).

Outro momento importante da história portuguesa está relacionado ao episódio escolhido para finalizar o romance. A história de Baltasar e Blimunda termina com a narração do auto de fé ocorrido em 1739, no qual Baltasar é condenado.

Naquele extremo arde um homem a quem falta a mão esquerda. Talvez por ter a barba enegrecida, prodígio cosmético da fuligem, parece mais novo. E uma nuvem fechada está no centro do seu corpo. Então Blimunda disse, Vem. Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda. (SARAMAGO, 2011, p. 347).

Esse auto de fé marca o fim da narrativa e, ao mesmo tempo, serve para determinar o fim do tempo histórico delimitado pelo autor como o tempo passado registrado no romance, pois em 1739 houve um auto de fé em que foi morto Antônio José da Silva, citado pelo narrador de *Memorial do convento*.

Quem são, perguntou a uma mulher que levava uma criança ao colo, De três sei eu, aquele além e aquela são pai e filha que vieram por culpas de judaísmo, e o outro, o da ponta, é um que fazia comédias de bonifrates e se chamava António José da Silva, dos mais não ouvi falar. (SARAMAGO, 2011, p. 347).

Antônio José da Silva, filho de judeus, nasceu no Rio de Janeiro em 1705. Passou a viver em Lisboa a partir de 1713, quando sua mãe foi levada da colônia para Lisboa acusada de judaísmo. O judeu, como era conhecido, foi um dos autores mais importantes do teatro barroco português. Produziu comédias que eram encenadas com canto e acompanhamento de instrumentos musicais. Em 1739, depois de ter passado dois anos preso, foi condenado à morte pelo Tribunal da Inquisição por ter sido acusado de praticar o judaísmo.

Condenado a abjurar publicamente o judaísmo, põe-se a escrever para teatro, e em 1733 encena a primeira peça, *A vida do grande D. Quixote de La mancha e do Gordo Sancho Pança*. Casa-se. Em 1737, denunciado por uma escrava de cor, é novamente levado às barras da Inquisição em companhia da mulher e da filha. Ao fim de dois anos, é sentenciado a morrer degolado e queimado em auto-de-fé. (MOISÉS, 1988, p. 115).

Além dos eventos históricos que colaboram para a recriação ficcional do século XVIII, a narrativa apresenta várias marcas do tempo cronológico, o que se pode comprovar, por exemplo, com as menções à chegada de D. Maria Ana Josefa, a Portugal, há mais de dois anos; às festas religiosas que remetem à época da Páscoa; citação de dias, meses, luas, noites, entre outras situações que dão a ideia de passagem do tempo no romance.

Os valores cronológicos são regidos pelo princípio de causalidade [...] quer dizer, temporalidade e causalidade são dois conceitos que vão sempre juntos, [...] mormente em narrativas de grande coerência diegética, preocupadas em criar uma ilusão de realidade, em proporcionar uma informação verossímil. (D'ONOFRIO, 1999, p. 100).

Por meio destes acontecimentos ligados a personagens históricas, comprova-se que o autor resgatou o tempo passado, ou seja, retratou parte do século XVIII, mas há também o tempo passado relacionado às personagens fictícias. Os acontecimentos nos quais se envolvem Baltazar e Blimunda estão no tempo presente das personagens. Esse tempo corresponde ao que é passado tanto para o autor quanto para o leitor, pois é o século XVIII, mas e o passado das personagens?

Não há um passado estabelecido para cada uma das personagens, mas por meio da estratégia narrativa empregada pelo narrador é possível estabelecer um tempo anterior a eles. Quando o narrador cede a voz a João Elvas, ele está permitindo que esta personagem retrate acontecimentos passados, que ocorreram em Lisboa, e os presentifique para que Baltazar possa ser

informado sobre o que aconteceu durante o período em que esteve lutando na Guerra de Sucessão da Espanha.

E outro disse, Isto é terra de muito crime, morre-se mais que na guerra, é o que diz quem lá andou, e tu que dizes, Sete-Sóis, e Baltasar respondeu, Vi como se morre na guerra, não sei como se morre em Lisboa, por isso não posso comparar, mas que fale aí o João Elvas, tanto sabe de praças de guerra como de praças de gente, e João Elvas só encolheu os ombros, não disse nada. (SARAMAGO, 2011, p. 43-44).

Os acontecimentos narrados por João Elvas ou pelo Mestre são resgatados via memória, pelas pessoas do povo, e constroem tanto a imagem do passado quanto ajudam a caracterizar a cidade de Lisboa no século XVIII. A rememoração dos eventos passados comprova que o presente e o passado estão interligados, pois é uma construção individual a partir da distância temporal que se estabelece entre o que ocorreu e quando isso é relatado a alguém. Para Paul

Recolocada no tempo, essa combinação entre influências recebidas e influências exercidas explica o que faz a especificidade do conceito de sequência de gerações. É um encadeamento oriundo do cruzamento entre a transmissão da bagagem e a abertura de novas possibilidades. (RICOEUR, 1997, p.189).

Desse modo, o tempo presente das personagens, bem como seu passado recente, corresponde ao século XVIII, enquanto que para o leitor e para o próprio autor, este século representa o passado distante que, no ato da leitura, se torna presente. Conforme Paul Ricoeur (1997), é possível o passado se configurar como presente, pois, na produção literária, ocorre a suspensão das coerções temporais:

Nesse sentido, da epopeia ao romance, passando pela tragédia e pela comédia antigas e modernas, o tempo da narrativa de ficção está livre das coerções que exigem revertê-lo ao tempo do universo. A busca de conectores entre tempo fenomenológico e tempo cosmológico – instituição do calendário, tempo dos contemporâneos, dos predecessores e dos sucessores, sequência das gerações, documentos e rastros – parece pelo menos numa primeira aproximação, perder assim toda razão de ser. Cada experiência temporal fictícia desdobra seu mundo, e cada um desses mundos é singular, incomparável, único. Não só as intrigas, mas também todos os mundos de experiência que elas exibem não são – como os segmentos do tempo único sucessivo de Kant – limitações de um único mundo imaginário. As experiências temporais fictícias não são totalizáveis. (RICOEUR, 1997, p. 218-219).

Em *Memorial do convento*, o autor não retrata apenas o passado ou o presente de modo específico. Na verdade, o tempo no romance é construído

de tal modo que é possível a coexistência dos três tempos. Quando se fala em presente, passado e futuro tem-se a ideia de momentos estagnados, mas no dia a dia não é assim que se lida com o tempo, pois em muitos momentos do presente rememoram-se fatos do passado ou criam-se projeções para o futuro. Por isso, em *Memorial do convento* o tempo é construído de tal modo que passa a percepção de tempos distintos, mas coexistentes.

Esta coexistência pode ser percebida, principalmente, ao olhar para as personagens individualmente. Elas são construídas de forma que, por meio delas, torna-se possível perceber o jogo temporal. Assim, em *Blimunda* unem-se presente e futuro; em *Baltasar* presente e passado; em *Frei Bartolomeu*, presente e futuro; e, na figura do narrador, presente, passado e futuro.

Em *Blimunda*, o presente é marcado pelo encontro com *Baltasar*, o romance que vive com ele e as peripécias ao seu lado. Por meio de seu dom sobrenatural, ela vê por dentro das pessoas, ou seja, vê aquilo que está no interior dos indivíduos, o que a incomoda bastante. O futuro, porém, vive a rondá-la. Ela consegue ver seu próprio futuro ao estabelecer uma espécie de comunicação mental com a mãe que lhe avisa que *Baltasar* será seu companheiro, por isso ela tem a iniciativa de aproximar-se, perguntar seu nome e o convida para ficar com ela, em sua casa.

Por que foi que perguntaste o meu nome, e *Blimunda* respondeu, Porque minha mãe o quis saber e queria que eu o soubesse, Como sabes, se com ela não pudeste falar, Sei que sei, não sei como sei, não faças perguntas a que não posso responder, faze como fizeste, vieste e não perguntaste porquê, E agora, Se não tens onde viver melhor, fica aqui. (SARAMAGO, 2011, p. 51).

Neste sentido, mãe e filha antecipam o futuro, pois sabem o que irá acontecer. O mesmo acontece com o narrador do romance, como se ele também tivesse o dom de vidência de *Blimunda* e *Maria Sebastiana*. Ele, porém, apresenta um futuro bem mais distante.

O narrador acompanha os passos das personagens no século XVIII, está presente em quase todos os momentos da vida de *Baltasar* e *Blimunda*. Ao retratar, porém, o passado mais próximo a eles, o narrador recorre a outras vozes como se não fosse conhecedor desse passado. No entanto, em relação ao futuro, ironicamente, ele leva informações do século XX para o século XVIII.

Só as aves, curiosas, voam e perguntam, girando em redor da máquina ansiosamente, que é, que é, talvez seja este mesmo o messias dos pássaros, em comparação, a águia não passa de um S. João Batista qualquer, Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, a história da aviação não acaba aqui. (SARAMAGO, 2011, p.193-194).

O narrador ironiza o comportamento das pessoas que não notam o desenvolvimento científico e compara a passarola a São João Batista. Por meio da ironia, ele afirma que assim como João Batista veio para preparar o caminho para alguém mais importante que ele – Jesus – a passarola serviria para preparar a sociedade para a aviação, fazendo uma referência à invenção do avião por Alberto Santos Dumont, no início do século XX.

Ao fazer outro deslocamento temporal para o futuro, o narrador de *Memorial do convento* fala novamente dos aviões e também da invenção do cinema, afirmando que o futuro reserva felicidade, mas o tempo demora a passar.

Baixou Baltasar à vila pelo carreiro escorregadio, um homem que descia à sua frente estatelou-se na lama e todos riram, de riso caiu outro, o que vale são estas distrações, que nesta terra de Mafra não há pártios de comédias, nem cantarias em representantes, ópera só em Lisboa, para vir o cinema ainda faltam duzentos anos, quando houver passarolas a motor, muito custa o tempo a passar, até que chegue a felicidade, olá. (SARAMAGO, 2011, p. 211).

Há, em *Memorial do convento*, um narrador que transita entre a contemporaneidade e o passado, pois somente um narrador do século XX poderia fazer referências a acontecimentos da sociedade contemporânea por meio da antecipação do futuro.

Sobre Baltasar e frei Bartolomeu pode-se afirmar que: Baltasar vivencia o presente, o passado e vislumbra o futuro. Seu tempo presente corresponde ao fato dele estar temporalmente situado no século XVIII; o passado é apresentado quando ele toma conhecimento de fatos acontecidos em Lisboa através da rememoração dos acontecimentos anteriores a seu retorno para Lisboa e a expectativa de futuro está marcada pelo desejo de colaborar no projeto de Frei Bartolomeu de Gusmão e organizar a vida ao lado de Blimunda.

Sendo os haveres tão poucos, uma viagem chegou para transportar, à cabeça de Blimunda e às costas de Baltasar, a trouxa e o atado a que se resumiu tudo. Descansaram aqui e além no caminho, calados, nem tinham que dizer, se até uma simples palavra sobra se é a vida que está mudando, muito mais que estarmos mudando nela. (SARAMAGO, 2011, p. 86).

Frei Bartolomeu vive o presente, mas seus esforços estão voltados para o futuro. Ele deseja que seu projeto de construir a máquina de voar dê certo, apesar dos problemas com a Inquisição.

Blimunda pergunta em voz muito baixa, é noite, a forja está apagada, a máquina ainda continua ali, mas parece ausente, Padre Bartolomeu Lourenço, de que é que tem medo, e o padre, assim interpelado, diretamente, estremece, levanta-se agitado, vai até a porta, olha para fora,

e, tendo voltado, responde em voz baixa, Do Santo Ofício. Entreolharam-se Baltasar e Blimunda, e ele disse, Não é pecado, que eu saiba, nem heresia, querer voar, ainda há quinze anos voou um balão no paço e daí não veio mal, Um balão é nada, respondeu o padre, voe agora a máquina e talvez que o Santo Ofício considere que há arte demoníaca nesse voo. (SARAMAGO, 2011, p. 184-185).

Mesmo contando com o apoio do rei de Portugal, Frei Bartolomeu se sentiu ameaçado pelo Santo Ofício, por isso, sua expectativa, em relação ao futuro, é tão grande que, ao sentir-se pressionado e perseguido pelos inquisidores, ele enlouquece, o que o coloca num estado de suspensão do tempo. A loucura implica um modo diferente de lidar com a questão do tempo, pois:

Uns estão estacionados num passado longínquo, outros jamais saberemos onde estão, em qual tempo; outros ainda, numa instantaneidade aflita, como se nada lhes garantisse a continuidade temporal.

Mas talvez essa descrição externa seja enganosa e insuficiente para dar conta do que realmente está em jogo para os psicóticos na questão do tempo. Num belo artigo sobre o tempo e a psicose, Jean Oury diz que estamos em contato com certas subestruturas do tempo nos psicóticos, como o tédio, a fadiga, a usura, a paciência. Mas, mais profundamente, o psicótico situa-se numa espécie de ponto de horror, anterior mesmo a uma temporalidade, um ponto de parada, de suspensão, em que ainda não está configurada uma imagem do corpo, num estado de inacabamento radical, onde não há contorno nem mesmo para o vazio, onde não há esquecimento nem surgimento. (PELBART, 1993, p. 34-35).

Ao usar o tempo cronológico, o tempo passado torna-se presente, pois tanto o leitor quanto o autor entram em contato com uma intriga ambientada no século XVIII, estando ambos no século XX/ início do XXI. Assim, o narrador faz o relato de acontecimentos passados, recuperando personagens históricos e, ao juntá-los com personagens fictícios, reúne, no romance, o tempo estrutural e o tempo vivido.

Para sublinhar o paralelismo e o contraste entre as variações imaginativas produzidas pela ficção e o tempo fixo constituído pela reinscrição do tempo vivido sobre o tempo do mundo no plano da história, iremos direto à aporia maior revelada, e até certo ponto gerada, pela fenomenologia, ou seja, a falha aberta pelo pensamento reflexivo entre o tempo fenomenológico e o tempo cósmico. (RICOEUR, 1997, p. 219).

Em *Memorial do convento*, José Saramago trabalha com a coexistência dos três tempos – presente, passado e futuro – e apresenta, ao leitor, sua visão crítica sobre o passado histórico de Portugal, abordando questões referentes ao século XVIII.

Por meio da ironia, o narrador expressa uma série de opiniões sobre os fatos apresentados no romance: critica a igreja, defende a necessidade

de repensar a religiosidade e a interpretação do texto bíblico, ri dos nobres e de suas regras de convivência e conveniências, defende o pensamento científico e critica a ideologia que predominava na sociedade portuguesa durante o reinado de D. João V.

A crítica ao passado se torna possível porque o autor, ao recriar, ficcionalmente, tanto o tempo cronológico quanto as lembranças, também recria o tempo histórico. Portanto, em *Memorial do convento*, o tempo é o elemento estrutural que permite expor as experiências temporais das personagens e, também, a visão do autor sobre o século XVIII, pois:

Qualquer que possa ser a força de inovação da composição poética no campo de nossa experiência temporal, a composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação: de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal. (RICOEUR, 1994, p. 87).

As intermitências da morte: tempo suspenso e crítica à contemporaneidade

Em *As intermitências da morte*, José Saramago constrói um narrador que relata uma história que ele domina. Em terceira pessoa, a voz que narra conta a história ocorrida num local e num tempo não específicos, ou seja, pode ser em qualquer país, na contemporaneidade e no tempo presente do narrador.

Embora não haja uma data determinada, há marcas que indicam o passar do tempo não datado na narrativa, como: “no dia seguinte”, “durante todo o dia”, “as horas passaram”, “durante três dias seguidos”, entre outras.

Pelo fato de não haver uma data específica para os acontecimentos, o autor promove a universalização do espaço e do tempo. Assim, a greve da morte poderia acontecer em qualquer ano da contemporaneidade, visto que a recusa da morte em trabalhar começa no dia seguinte às comemorações do Ano Novo, portanto em janeiro, como se pode notar na transcrição abaixo:

Às vinte e três horas e cinquenta e nove minutos daquele dia trinta e um de dezembro ninguém seria tão ingênuo que apostasse um pau de fósforo queimado pela vida da real senhora. Perdição qualquer esperança, rendidos os médicos à implacável evidência, a família real, hierarquicamente disposta ao redor do leito, esperava com resignação o derradeiro suspiro da matriarca, talvez umas palavrinhas, uma última sentença edificante com vista à formação moral dos amados príncipes seus netos, talvez uma bela e arredondada frase dirigida à sempre ingrata retentiva dos súbditos vindouros. E depois, como se o tempo tivesse parado, não aconteceu nada. A rainha-mãe nem melhorou, nem piorou, ficou ali como suspensa, baloiçando o frágil corpo à borda da vida, ameaçando a cada instante cair para o outro lado, mas atada a este por um tênue fio que a morte, só podia ser ela, não se sabe por que estranho capricho, continuava a segurar. Já tínhamos

passado ao dia seguinte, e nele, como se informou logo no princípio deste relato, ninguém iria morrer. (SARAMAGO, 2005, p. 12).

Assim como o passamento da rainha não aconteceu, ninguém mais, no país fictício e sem nome, morreu a partir daquele dia, tendo ficado o tempo suspenso para todos que estavam à beira da morte. Com a suspensão do tempo ocorrem problemas de várias ordens, como: o que fazer com os idosos e doentes terminais? E a aposentadoria? Como resolver o possível caos no sistema de saúde? Estas e outras preocupações caracterizam o tempo presente das personagens, mas também remetem ao seu futuro. Por isso, o governo do país assegura que está tomando providências para encontrar uma possível solução para os problemas futuros.

O governo quer aproveitar esta oportunidade para informar a população de que prosseguem em ritmo acelerado os trabalhos de investigação que, assim o espera e confia, hão-de levar a um conhecimento satisfatório das causas, até este momento ainda misteriosas, do súbito desaparecimento da morte. Igualmente informa que uma nutrida comissão interdisciplinar, incluindo representantes das diversas religiões em vigor e filósofos das diversas escolas em actividade, que nestes assuntos sempre têm uma palavra a dizer, está encarregada da delicada tarefa de reflectir sobre o que virá a ser um futuro sem morte, ao mesmo tempo que tentará elaborar uma previsão plausível dos novos problemas que a sociedade terá de enfrentar. (SARAMAGO, 2005, p. 29).

Ocorre a suspensão do tempo apenas para os moribundos, velhos e doentes, pois para aqueles que não se encontram nesta situação, o tempo segue seu curso normal. Neste caso, as personagens vivem o presente, mas estão preocupadas com o futuro, pois não sabem o que fazer com as possíveis conseqüências geradas futuramente pela condição do tempo suspenso.

Aos oito homens sentados ao redor da mesa tinha sido encomendado que reflectissem sobre as conseqüências de um futuro sem morte e que construíssem a partir dos dados do presente uma previsão plausível das novas questões com que a sociedade iria ter de enfrentar, além, escusado seria dizer, do agravamento das velhas questões. (SARAMAGO, 2005, p. 37).

A greve da morte dura sete meses. Durante este período pode-se observar a coexistência dos tempos, pois algumas personagens vivem seu presente preocupadas com o futuro, enquanto outras experimentavam uma forma de imortalidade que, por sete meses, impediu o fim de suas existências. A morte, senhora do tempo, decidiu-se pela imortalidade e, sete meses depois, resolveu que era hora de pôr fim ao tempo de suspensão, levando a óbito mais de sessenta mil pessoas.

Durante sete meses, que tantos foram os que a trégua unilateral da morte havia durado, tinham-se acumulado em uma nunca vista lista de espera

mais de sessenta mil moribundos, exatamente sessenta e dois mil quinhentos e oitenta, postos de uma vez em paz por toda obra de um instante único, de um átimo de tempo carregado de uma potência mortífera que só encontraria comparação em certas repreensivas ações humanas. (SARAMAGO, 2005, p. 107).

Com o restabelecimento do fim do tempo da existência, cujo futuro preconiza a morte, a vida segue seu curso normal: nascer, crescer, morrer. É, nesse momento, que a morte resolve viver. A morte, como personagem, também vive uma experiência temporal, pois acostumada a ser eterna, ela começa a experimentar o jogo dos tempos: passado, presente e futuro. Desse modo, os três tempos passam a preencher sua vida. Seu passado consiste em rememorar o tempo anterior à greve, quando os avisos de morte não dependiam da tecnologia; seu presente é preenchido pela preocupação e envio de várias remessas de avisos de morte, suas conversas com a gadanha e a inquietação com o retorno dos avisos de morte entregues ao violoncelista.

Olha desconfiada o sobrescrito violeta, dá-lhe voltas para ver se nele encontra alguma das anotações que os carteiros devem escrever em casos semelhantes, como sejam, recusado, mudou de residência, ausente em parte incerta e por tempo indeterminado, falecido, Que estupidez a minha, murmurou, como poderia ter falecido ele se a carta que o devia matar voltou para trás. (SARAMAGO, 2005, p. 136).

Ao se interessar pelo violoncelista, as perspectivas de futuro da sinistra personagem estão diretamente relacionadas ao seu envolvimento com o músico. A vontade de viver o futuro ao lado dele é tão grande que, em nome do amor que sente, a morte metamorfoseia-se em uma linda mulher, que consegue conquistá-lo e, por isso, abandona definitivamente seu posto de ceifadora do tempo.

Com o seu vestido novo comprado ontem numa loja do centro, a morte assiste ao concerto. Está sentada, sozinha, no camarote de primeira ordem, e, como havia feito durante o ensaio, olha o violoncelista. Antes que as luzes da sala tivessem sido baixadas, quando a orquestra esperava a entrada do maestro, ele reparou naquela mulher. (SARAMAGO, 2005, p. 191).

A narrativa dura um tempo cronológico que se inicia com a narração no dia seguinte às comemorações do Ano Novo e termina quase oito meses depois, pois são sete meses de greve e dezenove dias entre a descoberta do retorno das cartas enviadas ao violoncelista e a transformação da morte em mulher, o que a faz desistir de entregar o aviso de morte ao violoncelista. Assim, a narrativa é encerrada com a mesma frase com que foi iniciada.

Então ela, a morte, levantou-se, abriu a bolsa que tinha deixado na sala e retirou a carta de cor violeta. Olhou em redor como se estivesse à procura

de um lugar onde a pudesse deixar, sobre o piano, metida entre as cordas do violoncelo, ou então no próprio quarto, debaixo da almofada em que a cabeça do homem descansava. Não o fez. Saiu para a cozinha, acendeu um fósforo, um fósforo humilde, ela que poderia desfazer o papel com o olhar, reduzi-lo a uma impalpável poeira, ela que poderia pegar-lhe fogo só com o contacto dos dedos, e era um simples fósforo, o fósforo comum, o fósforo de todos os dias, que fazia arder a carta da morte, essa que só a morte podia destruir. Não ficaram cinzas. A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu. (SARAMAGO, 2005, p. 207).

A repetição da expressão “no dia seguinte ninguém morreu” estabelece um tempo cíclico no romance e, ao mesmo tempo, lança a dúvida sobre o que irá acontecer já que não existe mais a senhora do tempo para determinar quando será o fim da existência dos indivíduos. A morte, ao tomar a decisão de procurar o violoncelista, incumbiu a gadanha de enviar os avisos de falecimento, escritos previamente por ela. A tarefa da gadanha duraria o período de uma semana, ao final da qual a morte reassumiria seu posto.

A minha idéia é esta, escrevo de uma assentada todas as cartas referentes à semana em que estarei ausente, procedimento que me permito a mim mesma usar considerando o carácter excepcional da situação, e, tal como já disse, tu só terás de as enviar, nem precisarás sair de onde estás, aí encostada à parede. (SARAMAGO, 2005, p. 179).

A gadanha entregou as cartas, mas, ao final do prazo estabelecido, a morte não retornou porque se descobriu apaixonada pelo músico e resolveu viver com ele.

Passava muito da uma hora da madrugada quando o violoncelista perguntou, Quer que chame um táxi para a levar ao hotel, e a mulher respondeu, Não, ficarei contigo, e ofereceu-lhe a boca. Entraram no quarto, despiram-se e o que estava escrito que aconteceria, aconteceu enfim, e outra vez, e outra ainda. Ele adormeceu, ela não. (SARAMAGO, 2005, p. 207).

Em *As intermitências da morte* há, também, o tempo psicológico por meio do qual é possível compreender as motivações da morte. Segundo Santo Agostinho (1984), o tempo espiritual é um tempo interior que reúne em si três instâncias: o presente, o passado e o futuro e caracteriza-se por ser individual, pois esse tempo só existe na memória, como lembrança ou expectativa.

Meço, enquanto está presente, a impressão que as coisas gravam em ti no momento em que passam, e que permanece mesmo depois de passadas, e não as coisas que passaram para que a impressão se reproduzisse. É essa

impressão que meço, quando meço os tempos. Portanto, ou essa impressão é o tempo, ou não meço o tempo. (AGOSTINHO, 1984, p. 332).

A motivação inicial da morte, ao abandonar seu posto, é resultado de uma crise de identidade. Ela percebe que, por ter passado séculos ceifando a vida dos homens, é odiada pelos seres humanos. Ao voltar-se introspectivamente para o seu tempo passado, a morte passa a ter consciência de seu presente e de quanto a imortalidade é desejada. Desse modo, a personagem abandona seu posto de ceifadora de vidas humanas e deixa as pessoas daquele país fictício entregues a uma outra morte: a morte com letra maiúscula que, no romance, seria a responsável por destruir o universo.

Eu não sou a Morte, sou simplesmente morte, a Morte é uma cousa que aos senhores nem por sombras lhes pode passar pela cabeça o que seja, vossemecês, os seres humanos, só conhecem, tome nota o gramático de que eu também saberia pôr vós, os seres humanos, só conheceis esta pequena morte quotidiana que eu sou, esta que até mesmo nos piores desastres é incapaz de impedir que a vida continue, um dia virão a saber o que é a Morte com letra grande, nesse momento, se ela, improvavelmente, vos desse tempo para isso, perceberíeis a diferença real que há entre o relativo e o absoluto, entre o cheio e o vazio, entre o ainda ser e o não ser já, e quando falo de diferença real estou a referir-me a algo que as palavras jamais poderão exprimir. (SARAMAGO, 2005, p. 112).

Para Paul Ricoeur (1994), o tempo psicológico revela as inquietações, percepções e sensações resultantes das experiências vividas pelas personagens. Desse modo, quando, no tempo presente, a personagem resgata, por meio do tempo psicológico, sensações ou lembranças do passado ou organiza mentalmente suas expectativas com relação ao futuro, ocorre a intersecção entre o tempo cosmológico e o psicológico.

A primeira constitui a dimensão episódica da narrativa: caracteriza a história enquanto constituída por acontecimentos. A segunda é a dimensão configurante propriamente dita, graças à qual a intriga transforma os acontecimentos em história. Esse ato configurante consiste em considerar junto as ações de detalhe ou o que chamamos de os incidentes da história; dessa diversidade de acontecimentos, extrai a unidade de uma totalidade temporal. (RICOEUR, 1994, p. 104).

Em *As intermitências da morte*, José Saramago recorre ao recurso do tempo suspenso para construir a crítica à contemporaneidade. O autor confronta, no romance, o sonho da imortalidade com os interesses econômicos, mostrando quanto o funcionamento da estrutura social está vinculado à manipulação do poder, aos interesses escusos e à obtenção de lucro.

A ausência da morte causa problemas para setores importantes: a Igreja vislumbra a possibilidade de seu fim, pois sem a morte não haveria o

que temer com relação à salvação da alma, tese que justifica a existência da instituição religiosa; os governantes não sabem o que fazer para solucionar os problemas gerados pela greve inusitada; e alguns setores, como funerárias, hospitais, planos de saúde e companhias de seguro têm seus negócios extintos. Neste contexto, tanto a Igreja quanto os políticos e os segmentos econômicos estão preocupados apenas com a manutenção do poder e do lucro, não com a questão existencial.

Ao contrário do que se julga, não são tanto as respostas que me importam senhor primeiro-ministro, mas as perguntas, obviamente refiro-me às nossas, observe como elas costumam ter, ao mesmo tempo, um objectivo à vista e uma intenção que vai escondida atrás, se as fazemos não é apenas para que nos respondam o que nesse momento necessitamos que os interpellados escutem da sua própria boca, é também para que se vá preparando o caminho às futuras respostas, Mais ou menos como na política, eminência, Assim é, mas a vantagem da igreja é que, embora às vezes o não pareça, ao gerir o que está no alto, governa o que está em baixo. (SARAMAGO, 2005, p. 19-20).

Considerações finais

Em *Memorial do convento* nota-se que há um grande distanciamento entre o tempo do autor e o tempo retratado no romance, pois José Saramago é um homem do século XX e, nesta narrativa, resgata acontecimentos históricos do século XVIII e em *As Intermittências da morte*, o autor expõe as mazelas de seu tempo, narrando fatos ocorridos num país fictício, mas situados em sua própria época: século XX.

José Saramago representa a experiência temporal, em seus romances, por meio tanto do tempo cronológico quanto psicológico. O tempo cronológico, registrado em *Memorial do convento*, se estende de 1717 a 1739, portanto a história narrada compreende um período de vinte e dois anos e em *As intermitências da morte*, o tempo é de sete meses e dezoito dias. Embora, nos romances de José Saramago, o tempo cronológico seja necessário para a compreensão do desenrolar da narrativa, o tempo psicológico torna-se um recurso, ainda mais importante para o entendimento do comportamento das personagens e suas motivações. Assim:

A consciência da personagem passa a manifestar-se na sua atualidade imediata, em pleno presente, como um Eu que ocupa totalmente a tela imaginária do romance. A presença deste eu não só interioriza os elementos do mundo externo, mas ao mesmo tempo reduz e achata o enfoque e o campo de percepção das coisas. (GIL, 1999, p. 72).

As personagens de *Memorial do convento* e *As intermitências da morte* experimentam a discordância entre o tempo cronológico e os senti-

mentos suscitados pelas questões existenciais, revelando, por meio do tempo psicológico, seus anseios quanto ao presente, passado e futuro. Conforme:

O tempo linear, cronológico, se apaga como mera aparência no eterno retorno das mesmas situações e estruturas coletivas. Na dimensão mítica, passado, presente e futuro se identificam: as personagens são, por assim dizer, abertas para o passado que é presente que é futuro que é presente que é passado – abertas não só para o passado individual e sim o da humanidade. (ROSENFELD, 2006, p. 89-90).

Pela construção do tempo psicológico, *Memorial do convento* e *As intermitências da morte* são romances em que há a rememoração do passado, a expectativa de futuro e o tempo suspenso. Portanto, há um jogo temporal por meio do qual é possível a coexistência dos tempos. É este jogo entre os três tempos que garante ao leitor a impressão da passagem do tempo, pois ele pode acompanhar o desenvolver dos sentimentos, as impressões e os pensamentos das personagens.

Segundo Paul Ricoeur (1994), é no relato que presente, passado e futuro podem ser vivenciados como medida e experiência do tempo, pois o narrador, do seu tempo que é o presente, faz uma distensão para o passado ou para o futuro. A distensão para o passado se dá pela memória e para o futuro pela espera. Assim, tanto o passado quanto o futuro podem ser vivenciados a partir das impressões causadas, pois o tempo passado implica recordar, rememorar fatos e a espera implica em criar expectativas a respeito de algo que se deseja para o futuro.

Confiando à memória o destino das coisas passadas e à espera o das coisas futuras, pode-se incluir memória e espera num presente ampliado e dialetilizado que não é nenhum dos termos anteriormente rejeitados: nem o passado, nem o futuro, nem o presente pontual, em mesmo a passagem do presente. (RICOEUR, 1994, p. 28).

José Saramago usa também o tempo suspenso. Em *As intermitências da morte*, o tempo suspenso é utilizado para dar continuidade à vida, instaurando a possibilidade da imortalidade em detrimento da finitude da existência, levando ao questionamento dos problemas gerados pela imortalidade e a necessidade da morte. No romance *Memorial do convento*, a suspensão do tempo está associada à loucura que coloca em tempo suspenso a personagem Bartolomeu de Gusmão.

Em *Memorial do convento* e em *As intermitências da morte*, de José Saramago, há um trabalho de construção temporal que remete à coexistência dos três tempos: passado, presente e futuro, revelando que o tempo é sempre efêmero, pois do presente se rememora o passado e se criam expectativas para o futuro em frações de segundos e, ainda, o presente à medida que é vivenciado se torna passado e o futuro se torna presente para também

converter-se no passado que será lembrado, o que confirma a tese de santo Agostinho sobre a existência de um único tempo: o presente.

Se futuro e passado existem, quero saber onde estão. Se ainda não consigo compreender, todavia, sei que, onde quer que estejam, não serão futuro nem passado, mas presente. Se aí fosse futuro, não existiria ainda; e se fosse passado, já não existiria. Por conseguinte, em qualquer parte onde estiverem, seja o que for, não podem existir senão no presente. (AGOSTINHO, 1984, p. 321).

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. De Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto**. São Paulo: Ática, 1999.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GIL, Fernando Cerisara. **O romance de urbanização**. Porto Alegre: EDIPURS, 1999.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo-rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – tomo I. (Trad. de Constança Marcondes Cesar). Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa** – tomo III. (Trad. de Roberto Leal Ferreira). Campinas: Papirus, 1997.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno, in: **Texto/Contexto I**, 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.75-97.

SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2011.

_____. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal**: A Restauração e a Monarquia Absoluta (1640-1750). Lisboa: Verbo, 1980.

Recebido em novembro/2015

Aceito em dezembro/2015